

FLY2098

Carta familiar de um militar do C.E.P. para a sua mulher. De França para Vila Flor (concelho).

Data

13/08/1918

Referência Arquivística

Arquivo Histórico Militar.

Corpo Expedicionário Português, I Divisão, 35ª Secção, Caixa 86, Fólios [1]r-[2]v

Resumo

O autor escreve à mulher dizendo que as licenças dadas na guerra são só para alguns privilegiados e envia cumprimentos para toda a família. Desculpa-se de ainda não ter dado notícias a alguns familiares por ter aprendido a escrever há pouco tempo.

Local

França

Sobrescrito**Destinatário**

Illma. Snra.

[N]

Correio de Vila-flôr

para [L]

Tras-os-Montes.

Texto**Fl. [1]r**

Em Campanha

13- de Agosto de 1918

Minha querida mulher

em primeiro que

eu mais estimo que esta minha mal nutada carta te va emcomtrar de uma porfeita e felis saude em companhia dos nossos queridos meninos e em a companhia de tôda a nossa familia que eu ao fazer desta fico sem nuvidade alguma felismente. mulher eu hoje mesmo € estou rezulvido a mandarte dezer por que é a rasão que eu não tenho ido de lisença porque nesta vida sô quem tem pais è que vai. porque nesta vida sô a muita malandrage. mulher mandute dezer esto porque vâu 3 rapazes daqui de lisença esta carta è mitida em Portuga e depois ai asde resever. mulher eu te mando dezer aonde è que eu tenho estado [olha] estive 8 meses en uma vila chamada **Breste** e agora estou numa chamada Montevillieres esto tu quando me

Fl. [1]v

escriveres não me mandes dezer os nomes das terras porque è muito **perivido** e eu mandei-te pedir 20 mil reis mas não **mes** mandes ate segunda resposta mulher eu aqui tenho paçado de tudo bem e mal agora esta vida é muiticimo tris te porque aqui a jente lida com bechos que os nossos são piores que esta vida sô é bôa para quem è malandro. jente que não tem ningem mas eu tinha muito gosto em abraçace a minha familia mas até que as licenças vam por terra não se pagara nada que agora ja è preciço 300 ~~francus~~ francus hora tu bem podes saber que eu que só ganho - [10] santavos por dia. [mas] isso não era a duvida

que enfelismente tinha
 quem mos enpestase mas o
 que ê ê não me deixarem ir.
 porque teumos cá um hoficial

Fl. [2]r

que só manda quem el quer
 mulher mas não te afelijas que
 ainda um dia **mus** eumos a
 juntar se Deus quezer. bem
 agora da muitas saudades ao
 Compdre de a Comadre e a [N]
 e a [N] e a minha mãe e ao
 meu irmão e a tua irmã e a tua
 tia [N] e se para casso [...]
 vires o teu tiu da [L] dalhe
 saudades minha e que me
 desculpe eu não lhe ter
 escrte porque não savea
 escrever tinha que andar
 semper a pedir. muitas
 saudades as meninas da Sinho
 ra [N] e a tôda a familia
 dela e a minha tia [N]
 e a tia [N] e a toda
 familia e quem per mem
 perguntar desculpa em esta
 carta ir mal escrita porque
 vai muito a presa bem

Fl. [2]v

com esto não te maço mais
 da muitos bejos aos meninos
 e tu reseve um apretado
 abraço deste teu homem que
 muito te ama para sempre
 com esto termino esta minha
 carta sou este que me asino
 [N]

Contexto

Decorrida entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918, a I Guerra Mundial resultou na derrota das Potências Centrais (lideradas pelo Império Alemão, o Império Austro-húngaro e o Império Otomano) pela Tríplice Entente (liderada pelo Império Britânico, pela França e pelo Império Russo até 1917, e pelos Estados Unidos, a partir dessa data). Irrupendo do assassinato do arquiduque Austro-húngaro, Francisco Ferdinando, a 28 de junho de 1914, o universo conjugado de razões que estão na sua origem é bem mais vasto, podendo ir do imperialismo económico ao exponencial nacionalismo. O conflito, que se pensou breve, transformou-se num longo e penoso confronto de trincheiras. Este resultou em mais de dezanove milhões de mortos, mobilizando, numa guerra total, todas as sociedades dos países envolvidos e abalando, definitivamente, a velha ordem na base das sociedades liberais.

Portugal integrou as nações aliadas vencedoras. Porém, afastada a possibilidade de uma ameaça territorial, a defesa das colónias não se revelou capaz de justificar uma diligência em território Europeu, nem mesmo por razões diplomáticas, antevendo-se motivações de ordem política no desejo intervencionista do Partido Democrático. Apesar das pressões da Inglaterra em sentido contrário, Portugal declararia guerra à Alemanha em março de 1916. Foram mobilizados cerca de cem mil homens, primeiro para África (1914) e depois para a frente europeia (1917), dos quais resultariam mais de sete mil mortos e cerca de treze mil feridos. Somente na Batalha de La Lys (9 de abril de 1918), perdeu-se 25% do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.). A ausência de confrontos em território nacional e as profundas divergências geradas no país relativamente à sua participação no conflito em território europeu determinaram a inexistência de uma mobilização nacional no esforço de guerra e de um espírito comum na edificação de uma memória nacional em torno do grande esforço da Pátria.

Daquilo que compõe o todo da experiência de guerra, a morte é o fenómeno cujo impacto é mais profundo. O quotidiano de guerra colocou os soldados face à persistente e dolorosa ameaça de vida, que insiste em vir ao de cima nos períodos de espera entre os confrontos, um tempo passado entre cadáveres que se procuram enterrar condignamente. Segundo dados do Serviço de Estatística do C.E.P. de 1924, dos 55 085 efetivos mobilizados para a frente europeia, morreram cerca de 1 992, 3,6% de baixas, a maioria em combate. Mas não é apenas na questão do contingente ou força de combate que a morte é central, também no impacto psicológico. As condições físicas da guerra de trincheiras, onde homens eram reduzidos e enfraquecidos pela ausência de um roulement regular, pela desigualdade de licenciamento e pela falta do apoio moral e material de uma nação, criaram um universo de insustentabilidade e descrença em relação às razões da guerra e mais ainda em relação à pátria que defendiam.

Palavras Chave

Tipo: notícias

Linguística: líquidas

História: Primeira Guerra Mundial, serviço militar, guerra, licença, família

Sociologia: comunicação, serviço militar, educação

Normas de Transcrição

Transcrição quase-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra e suprimindo-se os sinais de mudança de linha para facilitar operações de busca automática. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, e as formas acrescentadas nos mesmos originais transcreveram-se na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar pela letra [L] e as de outros dados pela letra [D]. Finalmente, as cartas acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: meia folha de papel quadriculado dobrado e escrito em todas as faces.

Medidas: 207mm × 136mm

Medidas do Envelope: 146mm × 114mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Nota: o envelope tem um carimbo que contém: OUVERT, 369, Par l' Autorité Militaire.

Créditos

Transcrição: Mariana Gomes

Revisão: Rita Marquilhas

Codificação DALF: Mariana Gomes

Contextualização: Sílvia Correia

Discorda da nossa decifração? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com